



Saberes Tradicionais e Consciência Ambiental na Educação Infantil: A Prática Pedagógica da “Farmaplantas” no CMEI Maria de Lourdes Braga

Traditional Knowledge and Environmental Awareness in Early Childhood Education: The Pedagogical Practice of the “Farmaplantas” Project at CMEI Maria de Lourdes Braga

Regiane Aparecida Gomes

CMEI Maria de Lourdes Braga (SEMED-Manaus).

Ellen Lamego Pontes

CMEI Maria de Lourdes Braga (SEMED-Manaus).

Kétura Lopes Oliveira

CMEI Maria de Lourdes Braga (SEMED-Manaus).

Maria Ivone Enes dos Santos

CMEI Maria de Lourdes Braga (SEMED-Manaus).

Marta Saraiva Pinto de Souza

CMEI Maria de Lourdes Braga (SEMED-Manaus)

Vanusa Neves de Souza

CMEI Maria de Lourdes Braga (SEMED-Manaus)

Ivete Ribeiro Rubim Fernandes

Doutora em Educação (UNADES), Gestora Escolar (SEMED-Manaus).

Resumo: Este estudo apresenta um relato de experiência sobre o projeto “Mistérios da Natureza: Plantas que Curam e as Águas que Cuidam”, desenvolvido no CMEI Maria de Lourdes Braga, em Manaus, com crianças de 4 a 5 anos. Objetivou-se analisar a contribuição da prática pedagógica “Farmaplantas” para a valorização dos saberes tradicionais e o desenvolvimento da consciência ambiental na Educação Infantil amazônica. A metodologia consistiu em vivências sensoriais, cultivo coletivo de plantas medicinais (andiroba e Capim-Santo), rodas de conversa com famílias e práticas de reuso da água. Os resultados indicam que o contato direto com as plantas e a observação do habitat da Andiroba promoveram a apropriação de conhecimentos etnobotânicos e atitudes de cuidado. As atividades com a água estimularam a compreensão da interdependência ecológica e a adoção de práticas sustentáveis no cotidiano. A participação familiar fortaleceu os vínculos afetivos intergeracionais e o sentimento de pertencimento cultural, evidenciando que os saberes dos mais velhos são recursos pedagógicos valiosos. Conclui-se que a “Farmaplantas” constitui uma estratégia lúdica, sensível e culturalmente relevante para integrar saberes tradicionais e consciência ambiental na primeira infância, favorecendo o desenvolvimento integral das crianças e a aproximação entre escola, família e território amazônico.

Palavras-chave: educação infantil; saberes tradicionais amazônicos; consciência ambiental.

Abstract: This study presents an experience report on the project “Mysteries of Nature: Healing Plants and Caring Waters,” developed at the Maria de Lourdes Braga Early Childhood Education Center in Manaus, with children aged 4 to 5 years. The objective was to analyze the contribution of the “Farmaplantas” pedagogical practice to the appreciation of traditional knowledge and the development of environmental awareness in Amazonian early childhood education. The methodology consisted of sensory experiences, collective cultivation of medicinal plants (Andiroba and Lemongrass), discussion circles with families, and water reuse practices. The results indicate that direct contact with the plants and observation of the Andiroba habitat promoted the appropriation of ethnobotanical knowledge and attitudes of care. Activities with water stimulated an understanding of ecological interdependence and the adoption of sustainable practices in daily life. Family participation strengthened intergenerational affective bonds and the feeling of cultural belonging, demonstrating that the knowledge of elders is a valuable pedagogical resource. It is concluded that “Farmaplantas” constitutes a playful, sensitive, and culturally relevant strategy for integrating traditional knowledge and environmental awareness in early childhood, favoring the integral development of children and the rapprochement between school, family, and the Amazonian territory.

Keywords: early childhood education; Amazonian traditional knowledge; environmental awareness.

INTRODUÇÃO

Os saberes tradicionais e a consciência ambiental vêm ganhando espaço nas discussões sobre a Educação Infantil na Amazônia, especialmente quando se reconhece que as crianças pequenas constroem conhecimento por meio da experiência direta com a natureza e das relações intergeracionais (Kramer, 2021; Rocha, 2020).

A temática deste estudo insere-se na linha de pesquisa “Rio Amazonas: a ciência e os saberes dos rios”, que valoriza os conhecimentos das populações ribeirinhas, indígenas e urbanas sobre plantas, águas e modos de cuidar da vida. Nessa perspectiva, a prática pedagógica da “Farmaplantas” – um jardim medicinal cultivado coletivamente por crianças de 4 a 5 anos no CMEI Maria de Lourdes Braga, dentro do projeto “Mistérios da Natureza: Plantas que Curam e as Águas que Cuidam” idealizado pelas professoras – revela-se como dispositivo adequado e capaz de integrar tradição e ambiente na primeira infância.

O primeiro eixo de análise refere-se à valorização dos saberes tradicionais por meio do contato com plantas medicinais. Estudos mostram que o manejo de espécies como Andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) e Capim-Santo (*Cymbopogon citratus*), aliado à escuta de histórias familiares sobre seus usos, favorece o reconhecimento das medicinas da floresta como patrimônio cultural (Chaves, 2024; Souza, 2025).

No projeto, as crianças prepararam canteiros, manipularam sementes e observaram o ciclo das plantas, experienciando conhecimentos que habitam os quintais e as memórias dos mais velhos (Xavier, 2021; Kambeba, 2020). Essa imersão sensorial, tato na terra, olfato das folhas, observação da germinação,

constitui linguagem própria da infância, na qual aprender e cuidar se entrelaçam (Oliveira, 2019; Aikawa, 2025).

O segundo objetivo focaliza as vivências com a água como disparadoras da consciência ambiental. A água, elemento central na cosmologia amazônica, apareceu no cotidiano da “Farmaplantas” por meio da rega, do reúso da água do ar-condicionado e da reflexão sobre o habitat natural da Andiroba, comum em áreas alagadas (Costa, 2024; Pedrosa, 2021).

Quando a muda da planta não resistiu à falta de água, as crianças demonstraram empatia e responsabilidade, discutindo espontaneamente a importância dos igarapés e rios para a vida, movimento que evidencia a construção de uma ética do cuidado desde a primeira infância (Toutonge; Freitas, 2022; Cavalieri, Cruz; Tiriba, 2025).

O terceiro e último aspecto diz respeito à participação das famílias e à escuta sensível da comunidade. O envolvimento dos responsáveis no envio de mudas, na partilha de receitas e na feirinha cultural fortaleceu laços afetivos e o sentimento de pertencimento, elementos fundamentais para a formação integral das crianças (Amazonas, 2020; Magalhães, 2025; Alencar, 2024). Nesse processo, as professoras atuaram como mediadoras, valorizando as narrativas dos mais velhos e ampliando o repertório expressivo dos pequenos (Pucu, 2022; França, 2025).

Diante do exposto, a problemática que orienta este estudo é: como integrar saberes tradicionais sobre plantas e águas à rotina da Educação Infantil em contexto urbano-amazônico, e de que maneira a prática da “Farmaplantas” pode promover consciência ambiental e pertencimento cultural? Para responder a essa questão, o estudo tem como objetivo geral analisar a contribuição da “Farmaplantas” para a consciência ambiental e valorização dos saberes tradicionais, e como objetivos específicos: (1) identificar o papel do cultivo de plantas medicinais na valorização desses saberes; (2) compreender como as vivências com a água estimulam o cuidado ambiental; (3) descrever a participação familiar na construção de vínculos afetivos e pertencimento.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, aliado à pesquisa bibliográfica. O relato de experiência permite descrever e refletir sobre práticas pedagógicas situadas, valorizando o conhecimento construído no cotidiano institucional (Lira, 2025). A abordagem qualitativa, por sua vez, mostrou-se adequada para compreender processos subjetivos e relacionais, como o envolvimento das crianças com plantas e água, a escuta sensível e a participação familiar (Rocha, 2020; Hosterno, 2026).

A pesquisa bibliográfica foi realizada nas plataformas SciELO, Google Acadêmico, Periódicos Capes e Biblioteca Digital da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Os descritores utilizados, combinados pelos operadores booleanos AND e OR, foram: “Educação Infantil”, “saberes tradicionais”, “consciência

ambiental”, “Amazônia”, “plantas medicinais”, “Farmaplantas”, “crianças e natureza”, “água na educação infantil”.

Como critérios de inclusão, adotaram-se: trabalhos publicados entre 2020 e 2026, em língua portuguesa, que abordassem a relação entre infância, saberes tradicionais amazônicos e práticas educativas ambientais. Foram excluídos estudos sem foco pedagógico explícito, aqueles desenvolvidos fora da região amazônica e artigos que não apresentassem dados empíricos ou reflexões teóricas diretamente aplicáveis à Educação Infantil.

O processo de identificação e seleção dos estudos ocorreu em três etapas. Primeiramente, realizou-se a busca pelos descritores, resultando em 87 publicações preliminares. Na segunda etapa, procedeu-se à leitura de títulos e resumos, aplicando os critérios de inclusão e exclusão, o que reduziu o corpus para 32 trabalhos. Por fim, na terceira etapa, foram lidos na íntegra os 15 estudos mais alinhados ao objeto da pesquisa, priorizando dissertações, teses e artigos que discutissem especificamente: (a) uso de plantas medicinais na Educação Infantil (Chaves, 2024; Souza, 2025; Xavier, 2021); (b) consciência ambiental e água na primeira infância (Costa, 2024; Pedrosa, 2021; Toutonge; Freitas, 2022); (c) participação familiar e saberes intergeracionais (Alencar, 2024; França, 2025); e (d) fundamentos legais e curriculares para a Educação Infantil amazônica (Amazonas, 2020).

A análise dos dados foi conduzida por meio da análise temática de conteúdo de Bardin (Creswell; Creswell, 2021). Inicialmente, realizaram-se a transcrição e a organização dos registros do projeto, fotografias, relatos orais das crianças, produções gráficas e diário de campo da professora. Em seguida, procedeu-se à leitura flutuante do material, identificando unidades de sentido relacionadas aos objetivos do estudo.

Posteriormente, foram definidas três categorias temáticas: (a) “valorização de saberes tradicionais por meio do cultivo de plantas medicinais”, que agregou episódios de exploração sensorial da Andiroba e Capim-Santo, narrativas familiares e momentos de cuidado com o jardim; (b) “práticas de cuidado com a água e consciência ambiental”, que incluiu observações sobre a rega, o reuso da água do ar-condicionado e a reflexão sobre o habitat da Andiroba; (c) “participação familiar e pertencimento cultural”, que contemplou a contribuição das famílias no envio de mudas, na feirinha cultural e nas rodas de conversa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os saberes tradicionais na Amazônia vêm sendo reconhecidos como patrimônio cultural e epistêmico fundamental para a Educação Infantil. Pesquisas indicam que crianças pequenas, quando inseridas em contextos que valorizam o conhecimento dos mais velhos sobre plantas, águas e modos de cuidar, desenvolvem sentidos de pertencimento e identidade cultural (Kramer, 2021; Rocha, 2020). Essa perspectiva rompe com visões urbanocêntricas que separam infância e natureza.

Na região amazônica, a relação entre crianças e natureza tem sido investigada sob diferentes ângulos. Estudos mostram que o contato direto com a floresta, os rios e os igarapés proporciona aprendizagens sensoriais e afetivas que nenhum recurso didático artificial pode substituir (De Novais; Lauer-Leite, 2024; Toutonge; Freitas, 2022). Essas experiências constituem a base para uma consciência ambiental encarnada.

A água, elemento central na cosmologia amazônica, aparece como fio condutor de práticas educativas significativas. Pesquisas etnográficas revelam que comunidades ribeirinhas e indígenas ensinam às crianças, desde cedo, a importância dos ciclos hídricos para a vida das plantas, dos animais e das pessoas (Costa, 2024; Pedrosa, 2021). Esses ensinamentos, quando trazidos para a escola, potencializam o cuidado.

As plantas medicinais, por sua vez, constituem um dos saberes tradicionais mais presentes no cotidiano das famílias amazônicas. Trabalhos etnobotânicos indicam que espécies como Andiroba, Capim-Santo e Copaíba (*Copaifera multijuga*) são conhecidas e utilizadas por populações urbanas e rurais, configurando uma farmácia viva que atravessa gerações (Chaves, 2024; Souza, 2025; Xavier, 2021). Esse conhecimento, muitas vezes invisibilizado na escola, merece ser valorizado.

Na Educação Infantil, a abordagem por campos de experiência proposta pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC abre possibilidades para integrar saberes tradicionais ao currículo. Tais como nos campos “O eu, o outro e o nós” e “Corpo, gestos e movimentos” são particularmente férteis para vivências com plantas, água e terra (Amazonas, 2020). A mediação do professor é crucial nesse processo de aprendizagem na Educação Infantil.

A participação das famílias na educação dos pequenos tem sido destacada como fator de fortalecimento dos vínculos intergeracionais. Pesquisas realizadas em contextos amazônicos mostram que avós, pais e vizinhos guardam memórias e receitas sobre o uso de plantas que, quando compartilhadas com as crianças, promovem um sentimento de continuidade cultural (Alencar, 2024; França, 2025; Santos, 2023).

Essa troca é bidirecional, tal como se pode visualizar na figura 1, onde se registrou durante as atividades práticas do projeto “Mistérios da Natureza: Plantas que Curam e as Águas que Cuidam” no CMEI Maria de Lourdes Braga, em Manaus.

O cultivo coletivo de hortas e jardins medicinais em instituições de Educação Infantil vem sendo estudado como estratégia de educação ambiental. Experiências em Manaus e no interior do Amazonas indicam que as crianças se apropriam dos espaços de cultivo, desenvolvem rotinas de cuidado e expressam curiosidade científica sobre os ciclos da natureza (Costa, 2024; Magalhães, 2025; Silva, 2021). A “Farmaplantas” insere-se nessa tendência.

A andiroba, em particular, desperta interesse especial por sua relação com a água e com os modos tradicionais de extração do óleo. Investigações antropológicas mostram que essa planta está associada a narrativas cosmológicas e a práticas de cura que envolvem não apenas o saber técnico, mas também dimensões afetivas e

rituais (Câmpera, 2025; Kambeba, 2020). Trazer esse conhecimento para a infância é um ato decolonial.

A escuta sensível das crianças tem sido apontada como metodologia central para a Educação Infantil contemporânea. Pesquisas baseadas em Reggio Emilia¹ e outros autores defendem que os pequenos são produtores de cultura e não meros receptores passivos (Hosterno, 2026; Rocha, 2020). No projeto em análise, essa escuta orientou as decisões pedagógicas.

A consciência ambiental na primeira infância não se limita à transmissão de informações ecológicas. A vivência pedagógica indica que o que realmente marca as crianças são as experiências emocionais positivas com a natureza, o cheiro da terra molhada, o sabor de um chá, a textura de uma folha (Cavaliere; Cruz; Tiriba, 2025; Aikawa, 2025). Essas marcas sensoriais sustentam atitudes futuras de cuidado.

O envolvimento das famílias por meio do envio de mudas, receitas e participação em feirinhas culturais tem sido documentado como prática bem-sucedida. Estudos de caso mostram que quando os responsáveis são convidados a compartilhar seus saberes, sentem-se valorizados e a escola se torna um espaço de encontro entre diferentes gerações (Pereira, 2021; Rolim, 2023; Serrão, 2024). O pertencimento cultural é reforçado.

A literatura infantil e as narrativas orais são recursos potentes para introduzir saberes tradicionais na Educação Infantil. Autores como Kambeba e Marques mostram que histórias sobre a origem das plantas, os encantados das águas e os cuidados com a floresta capturam a imaginação das crianças (Kambeba, 2020; Marques, 2021; Campos, 2024). Essas narrativas ancoram o conhecimento científico.

Os referenciais curriculares amazonenses explicitamente recomendam a valorização dos saberes tradicionais e da educação ambiental desde a creche. Documentos oficiais dialogam com a BNCC e com as Diretrizes Curriculares Nacionais, mas ainda há lacunas na implementação prática (Amazonas, 2020; Freitas, 2023). Projetos como a “Farmaplantas” apontam caminhos possíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Educação Infantil: Como Campo de Reflexão dos Saberes Tradicionais

No âmbito do projeto “Mistérios da Natureza: Plantas que Curam e as Águas que Cuidam”, desenvolvido no CMEI Maria de Lourdes Braga com crianças de 4 a 5 anos, a estratégia central para promover a valorização dos saberes tradicionais foi a construção coletiva da “Farmaplantas”, um jardim medicinal alimentado por mudas

1 A Abordagem Reggio Emilia é uma filosofia educacional italiana voltada para a primeira infância, idealizada por Loris Malaguzzi no pós-Segunda Guerra. Essa perspectiva pedagógica fundamenta-se na visão da criança como um ser empoderado, curioso e protagonista do seu próprio processo de aprendizagem.

trazidas pelas famílias. O primeiro objetivo específico voltou-se para o contato direto com plantas amazônicas, especialmente Andiroba e Capim-Santo, e para o cultivo coletivo como disparador do reconhecimento desses conhecimentos. Tal como se pode observar na figura 1.

Figura 1 - Fotomontagem das ações do projeto.



Fonte: Acervo da autora.

As ações incluíram desde o preparo dos canteiros com terra adubada e recipientes recicláveis até a manipulação sensorial de folhas, sementes e mudas. As crianças participaram diariamente da rega, da observação do crescimento e da identificação das plantas. Um episódio marcante ocorreu quando a muda de andiroba, planta típica de áreas alagadas, não resistiu à falta de água.

A água, além de recurso natural, é também um elemento cultural e simbólico na Amazônia. Pesquisas com comunidades indígenas Pankararu e Tukano mostram que os rituais de limpeza e proteção envolvendo a água ensinam às crianças sobre respeito e reciprocidade com o ambiente (Da Silva, 2020; Alencar, 2024; Costa, 2025). O reuso da água do ar-condicionado no projeto alinha-se a essa ética.

Aproveitando o interesse, trouxe sementes da planta, in natura e cozidas, para que os pequenos explorassem texturas, cheiros e, posteriormente, conhecessem o processo tradicional de extração do óleo, amplamente utilizado por populações ribeirinhas para dores musculares e inflamações (Chaves, 2024; Souza, 2025).

As famílias foram convidadas a contar como usavam a andiroba em casa. Uma avó trouxe um vidro com óleo e explicou que “antigamente não tinha remédio de farmácia, era a floresta que curava”. Esse depoimento gerou grande encantamento entre as crianças, que passaram a relacionar a planta ao cuidado dos mais velhos (Alencar, 2024; França, 2025).

O cultivo do Capim-Santo também rendeu boas experiências. Por ser de fácil manejo e ter aroma forte, as crianças rapidamente o identificavam pelo cheiro. Em uma das atividades, prepararam chá com as folhas colhidas por elas mesmas, experimentando o sabor e aprendendo que aquela planta “acalma a barriga”. A participação ativa no ciclo completo, do plantio à colheita e ao consumo, deu concretude ao saber tradicional, que deixou de ser uma história distante para se tornar uma prática vivida (Xavier, 2021; Pedrosa, 2021).

Os resultados observados ao longo do projeto foram múltiplos e significativos. Primeiramente, as crianças ampliaram seu repertório linguístico e conceitual. Termos como “muda”, “adubo”, “germinação”, “óleo de andiroba” e “habitat alagado” passaram a fazer parte do vocabulário cotidiano, sendo usados espontaneamente durante as brincadeiras. Mais importante do que o vocabulário, porém, foi a atitude de cuidado e responsabilidade que emergiu.

As crianças passaram a verificar diariamente se a terra estava úmida, a alertar umas às outras sobre a necessidade de regar, e a demonstrar preocupação quando alguma folha amarelava (Silva, 2021; Magalhães, 2025). Essa postura evidencia a internalização de um ethos de cuidado com os seres vivos, algo que vai além da mera transmissão de informações. Outro resultado relevante foi o fortalecimento da oralidade e da escuta.

Nas rodas de conversa, as crianças compartilhavam histórias que ouviam em casa: “Minha mãe coloca andiroba no meu braço quando machuca”; “Meu avô toma chá de capim-santo para dormir”. Esses relatos foram registrados pela professora e transformados em um pequeno livro de receitas e usos tradicionais, que circulou entre as famílias (Kramer, 2021; Rocha, 2020).

O protagonismo infantil também se manifestou na forma como as crianças organizavam a rotina da “Farmaplantas”. Elas próprias sugeriram que cada planta tivesse uma plaquinha de identificação com desenho e nome, e se revezavam na função de “cuidador do dia”. Esse comportamento demonstra que os saberes tradicionais, quando apresentados de maneira viva e participativa, são apropriados pelas crianças não como conteúdos a serem memorizados, mas como práticas a serem reinventadas (Hosterno, 2026).

Ao discutir esses achados, é possível estabelecer diálogos com outras pesquisas realizadas na Amazônia e em outros contextos. Cavalieri, Cruz e Tiriba (2025) argumentam que as crianças possuem uma “cosmofilia”, um amor inato pelo cosmos e pela natureza, que muitas vezes é sufocado por práticas escolarizantes excessivamente racionais.

Comparando com o estudo de Toutonge e Freitas (2022) sobre crianças ribeirinhas, nota-se que as crianças urbanas do CMEI Maria de Lourdes Braga

tiveram uma experiência menos imersiva na floresta, mas igualmente significativa porque houve a mediação intencional da professora. Enquanto em contextos rurais os saberes tradicionais são vividos no dia a dia, no contexto urbano é preciso criá-los intencionalmente e a “Farmaplantas” cumpriu esse papel (Costa, 2024; Matias, 2024).

Outro ponto de comparação interessante vem do trabalho de Alencar (2024) com a etnia Tukano, onde as crianças aprendem sobre plantas medicinais por meio de narrativas mitológicas e rituais. No projeto, a ausência de um ritual formal foi compensada pela força da narrativa da avó que trouxe o óleo de andiroba e contou sua história. Isso mostra que o elemento central não é a forma, mas a autenticidade da relação entre gerações (França, 2025; Santos, 2023).

Vale ainda mencionar que De Novais e Lauer-Leite (2024) afirmam que muitas práticas de educação ambiental na escola são superficiais, restritas ao plantio de mudas em copos descartáveis sem conexão com o território. A “Farmaplantas” evitou essa armadilha ao vincular cada planta a seu habitat (a andiroba e a água) e aos usos tradicionais narrados pela comunidade.

No projeto, as crianças não aprenderam a extrair óleo sozinhas, mas compreenderam a cadeia de saberes que envolve a planta, desde quem planta até quem cura. Isso já é um avanço considerável em relação ao que normalmente se faz nas escolas, onde as plantas são tratadas como objetos estéticos ou ilustrações de apostilas. O cultivo coletivo, aliado à escuta sensível e à participação familiar, mostrou-se eficaz para a valorização dos saberes tradicionais na Educação Infantil.

A Água que Ensina: Consciência Ambiental a Partir da Rega e do Reuso

No projeto “Mistérios da Natureza”, o segundo objetivo específico voltou-se para a compreensão de como as vivências relacionadas à água estimulavam práticas de cuidado e consciência ambiental entre as crianças. A água não apareceu como tema abstrato ou ilustrado em cartazes, mas sim como elemento concreto e vivido diariamente no jardim medicinal.

As principais ações incluíram: a rega sistemática da “Farmaplantas”, a coleta e reutilização da água do aparelho de ar-condicionado da sala e a reflexão sobre o habitat natural da Andiroba, que necessita de áreas alagadas para sobreviver. Um dos momentos mais significativos foi quando a muda de andiroba, por falta de irrigação adequada, começou a murchar e acabou morrendo. As crianças reagiram com perplexidade e tristeza: “Ela secou”, “A gente esqueceu de molhar”.

A professora aproveitou o ocorrido para promover uma roda de conversa sobre as necessidades hídricas das plantas. Explicou que a andiroba, na floresta, nasce perto de igarapés e terrenos alagadiços, diferentemente de outras espécies que preferem solos mais secos. Essa explicação despertou a curiosidade das crianças, que passaram a indagar: “Onde tem água na floresta?”, “O que é igarapé?” (Câmara, 2025).

A partir daí, a professora organizou uma atividade de observação de imagens e pequenos vídeos de rios e igarapés amazônicos, sempre mediada pela linguagem lúdica e pela contação de histórias sobre os encantados das águas, tema recorrente nas cosmologias locais (Kambeba, 2020). Paralelamente, as crianças foram estimuladas a pensar sobre a água que usavam na escola. Questionaram de onde vinha a água da torneira, como ela chegava até o jardim e o que acontecia quando sobrava água no balde.

A professora introduziu então a prática do reuso: a água que pingava do ar-condicionado, antes descartada, passou a ser coletada em baldes e utilizada para regar as plantas. As crianças se encarregaram de esvaziar os coletores todas as manhãs, demonstrando orgulho por estarem “ajudando a natureza”. Essa ação cotidiana, aparentemente simples, trouxe à tona reflexões sobre desperdício e sobre a possibilidade de pequenas atitudes gerarem impactos positivos (Pedrosa, 2021; Da Silva, 2020).

As crianças também aprenderam a observar a terra: se estava úmida ou seca, se precisava de mais ou menos água. Desenvolveram critérios para decidir quando regar, o que exigiu atenção e responsabilidade compartilhada. Em uma das rodas de avaliação do projeto, uma criança disse: “A água é amiga da planta. Sem ela, a planta chora. Outra complementou: “A gente também chora sem água”. Esses enunciados mostram como a experiência sensível com a rega foi capaz de gerar uma compreensão afetiva e ecológica sobre a importância da água para todos os seres vivos (Costa, 2024).

Os resultados observados foram além das atitudes imediatas de cuidado. As crianças passaram a aplicar os aprendizados em outros contextos da rotina escolar. Por exemplo, ao lavar as mãos, algumas passaram a fechar a torneira enquanto ensaboavam, explicando aos colegas que “não pode desperdiçar porque a planta também precisa”. Esse tipo de comportamento indica a internalização de um princípio ético de moderação e respeito pelos recursos comuns, algo que a literatura especializada tem relacionado ao desenvolvimento da consciência ambiental desde a primeira infância (Silva, 2021).

Outro resultado significativo foi a ampliação do repertório conceitual. Termos como “igarapé”, “nascente”, “reuso” e “evaporação” surgiram nas conversas informais, e as crianças os utilizavam com propriedade, ainda que com suas próprias palavras. A professora registrou em seu diário de campo que, ao ver uma poça d’água no pátio após a chuva, uma criança exclamou: “Olha, igual ao habitat da Andiroba!”. Essa analogia espontânea revela que a criança havia compreendido a relação entre determinadas plantas e ambientes alagados, articulando conhecimentos de maneira criativa (Pucu, 2022; Aikawa, 2025).

Além disso, a participação ativa das crianças na identificação dos problemas – como a falta de água – e na busca de soluções (reuso da água do ar-condicionado) alinha-se ao que Silva (2021) defende como educação ambiental crítica desde a primeira infância. A pesquisa de Chaves (2024) sobre plantas medicinais na Comunidade Praia do Gado, Lábrea, mostra que os adultos guardam conhecimentos detalhados sobre preparo e aplicação.

A prática do reuso da água do ar-condicionado também gerou um efeito multiplicador: algumas famílias relataram que as crianças pediram para fazer o mesmo em casa, coletando a água da chuva ou da máquina de lavar para molhar as plantas do quintal. Esse dado indica que o projeto não ficou restrito aos muros da escola, mas repercutiu nas práticas domésticas, fortalecendo a consciência ambiental no âmbito familiar (Magalhães, 2025).

Família e escola em diálogo: pertencimento cultural na Farmaplantas”**

O terceiro objetivo específico do projeto dirigiu-se à descrição do papel da participação familiar e da escuta sensível da comunidade na construção de vínculos afetivos, pertencimento cultural e protagonismo infantil. Diferentemente de práticas pedagógicas que tratam as famílias como meras espectadoras ou executoras de tarefas domésticas, o projeto “Mistérios da Natureza” buscou envolvê-las como parceiras ativas e detentoras de saberes valiosos.

As principais ações incluíram: o convite para que cada família trouxesse uma muda de planta medicinal de seu quintal ou de sua vivência; a realização de rodas de conversa com avós, pais e vizinhos para compartilhar usos tradicionais das plantas e histórias relacionadas à água; a construção coletiva de uma feirinha cultural ao final do projeto, onde chás, óleos e mudas foram expostos e degustados; e a produção de um pequeno livro artesanal de receitas e saberes, ilustrado pelas crianças e com depoimentos das famílias.

O ponto de partida foi a constatação de que, embora muitas crianças vivam em meio urbano, seus familiares guardam memórias e práticas ligadas ao uso de plantas medicinais, a andiroba para dores, o Capim-Santo para acalmar, a hortelã para problemas digestivos. A professora enviou um bilhete pedindo que os responsáveis enviassem mudas e, se possível, viessem à escola contar “como era antigamente”. A resposta foi surpreendente.

Uma avó trouxe não apenas uma muda de boldo, mas também um vidro com óleo de andiroba preparado por ela mesma, explicando às crianças o processo de cozimento das sementes e a prensagem manual. Outra mãe, que trabalha como técnica de enfermagem, trouxe um relato híbrido: contou que usa tanto remédios de farmácia quanto chás que aprendeu com sua avó, mostrando que saberes tradicionais e científicos podem coexistir (Chaves, 2024).

Um pai, que é ribeirinho do interior do Amazonas, emocionou-se ao descrever como aprendia com seu avô a identificar plantas medicinais nas margens do rio. As crianças ouviram atentamente e, depois, reproduziram as histórias em desenhos e brincadeiras. A feirinha cultural, realizada ao final do projeto, foi um momento de grande mobilização.

As famílias prepararam chás, trouxeram biscoitos caseiros, expuseram mudas e óleos. As crianças atuaram como “guias do jardim”, mostrando para os visitantes cada planta e explicando para que servia, com suas próprias palavras. Uma criança apontou para a muda de Capim-Santo e disse: “Isso aqui é para quando a barriga

dói. Minha mãe ferve a folha e a gente toma. Équentinho e bom. Outra, ao mostrar a Andiroba, falou: “Essa morreu porque faltou água. Ela gosta de água, igual aos peixes”.

Esses enunciados demonstram que as crianças haviam se apropriado dos conhecimentos partilhados e os ressignificavam em uma linguagem própria, marcada pela oralidade e pela experiência concreta (Rocha, 2020; Hosterno, 2026).

Os resultados observados foram múltiplos e se desdobraram em três dimensões principais. A primeira é o fortalecimento dos vínculos afetivos intergeracionais. As crianças passaram a olhar para seus avós e pais com admiração, reconhecendo neles uma fonte de conhecimento legítimo.

Relatos das famílias indicam que, após o projeto, as crianças pediam para ouvir mais histórias sobre “quando eram crianças”, sobre as plantas do quintal e sobre os igarapés por onde os pais andavam. Esse movimento de escuta ativa reverteu, em alguma medida, a hierarquia tradicional que muitas vezes desqualifica os saberes dos mais velhos em favor do conhecimento escolar (Kramer, 2021; França, 2025).

A segunda dimensão é o sentimento de pertencimento cultural. Várias crianças começaram a se identificar como “amazônidas” ou como “filhos da floresta”, mesmo morando em área urbana. Quando questionadas sobre o que era importante na natureza, respondiam com listas que incluíam plantas, bichos e água – elementos que agora faziam parte de sua identidade narrada. Estudos mostram que esse tipo de pertencimento é fundamental para a saúde mental e para a construção de uma cidadania ambiental desde a primeira infância (Costa, 2025; Payayá, 2024; Kambeba, 2020).

A terceira dimensão é o protagonismo infantil. As crianças não apenas repetiam o que ouviam, mas propunham novas ações. Por exemplo, após a visita de uma avó que contou sobre o “banho de folhas” para curar mau-olhado, as crianças inventaram uma brincadeira em que “curavam” as plantas doentes com gestos e cantigas. Esse tipo de protagonismo criativo é raramente documentado na literatura especializada, mas aponta para a potência das crianças como produtoras de cultura, e não apenas como receptoras (Oliveira, 2019; Aikawa, 2025).

Isso demandou da professora uma escuta sensível e uma capacidade de tradução pedagógica que nem sempre está presente na formação docente (Magalhães, 2025; Silva, 2021). No CMEI Maria de Lourdes Braga, a escola abriu espaço para que esses saberes fossem não apenas tolerados, mas celebrados. A professora agiu como o que Serrão (2024) chama de “professora intelectual transformadora”, capaz de articular conhecimentos diversos sem hierarquizá-los de forma violenta.

O projeto mostrou que é possível, sim, construir práticas pedagógicas que integram saberes tradicionais e consciência ambiental, desde que haja escuta sensível, participação familiar genuína e um currículo que se reconheça como parte do território e não como algo externo a ele. A “Farmaplantas” não resolveu todos os problemas da Educação Infantil amazônica, mas demonstrou um caminho possível e encantador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o projeto “Mistérios da Natureza” demonstrou que a prática pedagógica da “Farmaplantas” constitui dispositivo eficaz para integrar saberes tradicionais e consciência ambiental na Educação Infantil amazônica. As crianças de 4 a 5 anos, ao cultivarem plantas medicinais como a andiroba, não apenas adquiriram conhecimentos sobre usos terapêuticos, mas desenvolveram atitudes de cuidado, empatia e responsabilidade com os seres vivos.

Constatou-se que a vivência com a água, por meio da rega e do reuso da água do ar-condicionado, revelou-se potente para a construção de uma ética ambiental concreta. As crianças compreenderam a interdependência entre água, plantas e vida, internalizando práticas sustentáveis que se estenderam ao ambiente familiar e à rotina escolar.

Pode-se constatar que a participação ativa das famílias, com o envio de mudas, relatos de histórias e presença na feirinha cultural, fortaleceu os vínculos intergeracionais e o sentimento de pertencimento ao território amazônico. Os saberes dos mais velhos foram valorizados, revertendo processos de deslegitimação cultural frequentemente observados em contextos urbanos.

REFERÊNCIA

AIKAWA, Monica Silva. **Cartografia florestal do corpo-brincante em escolas de primeira infância na Amazônia**. 2025. Tese (Doutorado em Educação na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2025. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/11424/5/TESE_MonicaAikawa_PGEDA.pdf. Acesso em 25 abr. 2026.

ALENCAR, Aldenice Fonseca. **Modos de ser ye'pa mahsã: uma narrativa autoetnográfica de vida e de construção de saberes de uma professora Tukano**. 2024. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2024. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/10459/6/DISS_AldeniceAlencar_PPGECH. Acesso em 1 mai. 2026.

AMAZONAS. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Curriculares Municipais para a Educação Infantil**. Manaus: SEMED, 2020.

AZEVEDO, Romilson Brito de. **A política de avaliação dos indicadores da qualidade na Educação Infantil: pressupostos legais e estruturais de uma escola pública de Humaitá-AM**. 2020. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Universidade Federal do Amazonas, Humaitá (AM), 2020. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/7873/8/Disserta%C3%A7%C3%A3o_RomilsonAzevedo_PPGECH.pdf. Acesso em 15 mai. 2026.

CAMPOS, Ana Amélia Xavier da Silva. **Aprender brincando - o lúdico no ensino das ciências ambientais**. 2024. 89 f. Dissertação (Mestrado em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2024. Disponível em [https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/10707/5/ PROD.EDUC_AnaAm%c3%a9liaCampos_PROFCIAMB.pdf](https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/10707/5/PROD.EDUC_AnaAm%c3%a9liaCampos_PROFCIAMB.pdf). Acesso em 15 mai. 2026.

CÂMPERA, Luiza Maria Fonseca. **Territorialidades indígenas e conexões vegetais: entre cidades e aldeias no médio Solimões**. 2025. 201 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2025. Disponível em [https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/11283/7/ TESELuizaCampera_PPGAS.pdf](https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/11283/7/TESELuizaCampera_PPGAS.pdf). Acesso em 12 mai. 2026

CAVALIERI, Lucia; CRUZ, Rafael Branco; TIRIBA, Léa. Crianças diplomatas do cosmos: um estudo sobre cosmofobia e cosmopolítica nos quintais-terreiros. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 42, n. 3, p. 223-245, 2025. Disponível em <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/18443>. Acesso em 29 mai. 2026.

CHAVES, Rosineide Campos. **Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais utilizadas pelos moradores da Comunidade Praia do Gado, Lábrea-AM**. 2024. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade Federal do Amazonas, Humaitá (AM), 2024.

COSTA, Rosilda Rossetti. **A Natureza em Ambientes da Educação Infantil em Manaus-AM**. 2024. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2024. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/10799/2/DISS_RosildaCosta_PPGCASA.pdf. Acesso em 1 mai. 2026.

COSTA, Edna Márcia Paulino da. **Olhar indígena sobre a Idzaamikhetti (doença) e a Watapetakaa (cura) na comunidade de Itacoatiara Mirim, em São Gabriel da Cachoeira/AM**. 2025. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/10892/6/DISS_EdnaCosta_PPGSCA.pdf. Acesso em 9 mai. 2026.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. 5ª ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2021.

DA SILVA, Fabrícia Souza; GARCIA, Patrícia Helena Mirandola; DE SOUZA, Kellyson Silva. Espaços educativos não formais amazônicos: um lugar de encontro entre a criança e a natureza. **Revista Ciência Geográfica**, v. 29, n. 1, 2025. Disponível em <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/cienciageografica/article/view/4174>. Acesso em 13 mai. 2026.

DA SILVA, Josélia Ramos. **Água Que Limpa E Protege: Uma história cultural da água nos saberes indígenas Pankararu**. Dissertação em História. Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2020. Disponível em <https://dspace>.

sti.ufcg.edu.br. pdf. Acesso em 22 mai. 2026.

DE NOVAIS, Jailson Santos; LAUER-LEITE, Iani Dias. **Contato e conexão com a natureza: as crianças, a cidade, a floresta, o rio e o mar.** Caxias do Sul, RS: Editora EDUCS, 2024.

DRAGOJEVIC, Heloisa. **Práticas de sustentabilidade e consumo na educação infantil: narrativas de professores indígenas em formação.** 2025. Dissertação. Instituto de Geociências. Disponível em <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=598285&tipoMidia=0>. Acesso em 31 mai. 2026.

FRANÇA, Ilzanilde Teixeira. **Xamanismo feminino no Alto Rio Negro: poder simbólico e os saberes tradicionais em São Gabriel da Cachoeira.** 2025. 102 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira (AM), 2025. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/11329/9/DISS_IzanildeFranca_PPGSCA.pdf. Acesso em 3 mai. 2026.

FREITAS, Vinícius Melo de. **Perspectivas teóricas e históricas das diretrizes legais da Educação Infantil do campo: implicações no contexto amazônico de Parintins.** 2023. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, Manaus (AM), 2023. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/10327/9/DISS_ViniciusFreitas_PPGE. Acesso em 30 abr. 2026.

HOSTERNO, Patricia Marques Freire. **A constituição do olhar docente sobre a criança e a Educação Infantil: um estudo de caso.** 2026. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2026. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/11529/2/TESE_PatriciaHosteno_PPGE. Acesso em 1 jun. 2026.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Saberes da floresta.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

KRAMER, Sonia. **A infância e sua singularidade: crianças, práticas e saberes.** Campinas: Papirus Editora, 2021.

LIRA, Bruno Carneiro. **Passo a passo do trabalho científico.** 3ª ed. Revista e Ampliada. Petrópolis: Editora Vozes, 2025.

MAGALHÃES, Clemilce Martins Corrêa. **Formação continuada de professoras da educação infantil: contribuições para as práticas pedagógicas.** 2025. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Universidade Federal do Amazonas, Humaitá (AM), 2025. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/11473/6/DISS_ClemilceMagalhaes_PPGECH. Acesso em 30 mai. 2026.

MARQUES, Mateus Epifânio. **A interface entre a literatura e o ensino das ciências ambientais nas obras de autores amazonenses.** 2021. 93 f. Dissertação (Mestrado em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais)

- Universidade Federal do Amazonas, Tefé (AM), 2021. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8648/5/Disserta%c3%a7%c3%a3o_MateusMarques_PROFCIAMB.pdf. Acesso em 9 mai. 2026.

MATIAS, Lucianny Thaís Freire. **Análise das práticas pedagógicas de educação integral no Centro Municipal de Educação Infantil Hermann Gmeiner em Manaus, Amazonas**. 2024. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Universidade Federal do Amazonas, Humaitá (AM), 2024. Disponível em <https://tede.ufam.edu.br/pdf>. Acesso em 9 de abril. 2026.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2019.

PAYAYÁ, Ademario Ribeiro. **Os Indígenas, a Mãe Terra e o Bem Viver**. São Paulo: Santillana Educação, 2024.

PEDROSA, Evelyn Barroso. **Sustentabilidade e saúde no uso de plantas medicinais na ótica das populações ribeirinhas da Amazônia**. 2021. 171 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2021. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8660/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o_EvelynPedrosa_PPGSS.pdf. Acesso em 28 mai. 2026.

PEREIRA, Laura Belém. **Educação e saberes tradicionais quilombolas: um estudo sobre as práticas educativas na Escola Municipal Jaú Tambor - Novo Airão/AM**. 2021. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021. Disponível em <https://tede.ufam.edu.br/pdf>. Acesso em 3 abr. 2026.

PRATA, Welton de Araújo. **O brincar na Educação Infantil em uma escola do campo no Município de Humaitá-AM**. 2021. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Universidade Federal do Amazonas, Humaitá-AM, 2021. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8338/12/Disserta%20C3%A7%C3%A3o_WeltonPrata_PPGECH.pdf. Acesso em 1 jun. 2026.

PUCU, Suzane Cristina de Carvalho. **O Show da Luna como possibilidade de Educação em Ciências na Educação Infantil**. 2022. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2022. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/9366/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o_SuzanePucu_PPGECH. Acesso em 6 mai. 2026.

ROCHA, Eloísa Acires da. **Crianças, saberes e infâncias**. Campinas: Autores Associados, 2020

ROLIM, Dalvina Teixeira. **O protagonismo das mulheres na luta por uma educação do campo no assentamento de Vila Amazônia**. 2023. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2023. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/9407/5/Disserta%c3%a7%c3%a3o_DalvinaRolim_PPGE.pdf. Acesso em 2 abr. 2026.

SANTOS, Ariane Coelho dos. **Sehay pot'i Sateré-Mawé: a educação no “Espaço de Estudo da Língua Materna e Conhecimentos Tradicionais Indígenas Nusoken I”**. 2023. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/9895/2/DISS_ArianeSantos_PPGE.pdf. Acesso em 28 abr. 2026.

SERRÃO, Ellen Rodrigues da Silva. **Quilombolar-Se Na Amazônia: “Outros” processos de formação, “outras” experiências da classe trabalhadora alargada**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Pará (UFPA). 2024. Disponível em <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/pdf>. Acesso em 1 jun. 2026.

SILVA, Ádria Marinho da. **Formação continuada de professoras de um centro municipal de educação infantil em Manaus: contribuições para a construção de experiências significativas de educação ambiental**. 2021. 204 f. Tese (Tese em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8391/2/Tese_AdriaSilva_PPGE.pdf. Acesso em 12 mai. 2026.

SOUZA, Doraci Brito de. **Estudo etnobotânico: saberes populares sobre plantas medicinais em uma comunidade ribeirinha no Sul do Amazonas**. 2025. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade Federal do Amazonas, Humaitá (AM), 2025. Disponível em https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/11125/2/DISS_DoraciSouza_PPGCA. Acesso em 1 mai. 2026

TOUTONGE, Eliana; FREITAS, Maria Natalina Mendes. As crianças e a natureza em contextos rurais amazônicos. **Revista Exitus**, v. 12, p. e022005-e022005, 2022. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/9520898.pdf>. Acesso em 7 mai. 2026.

XAVIER, Reinato Andrade Tembo. **Resgate, uso e conservação de plantas medicinais na comunidade Cristolândia, Humaitá-AM**. 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade Federal do Amazonas, Humaitá-AM, 2021. Disponível em <https://tede.ufam.edu.br/pdf>. Acesso em 25 mai. 2026.